



A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

Caetana Juracy Rezende Silva
Fernando Bomfim Mariana
Maria da Conceição da Silva Freitas
(orgs.)



Núcleo de Estudos Estratégicos (NESTRA)
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM)
Universidade de Brasília (UnB)
2023

© 2023 Caetana Juracy Rezende Silva; Fernando Bomfim Mariana; Maria da Conceição da Silva Freitas.



[Licença creative commons: colocar a figura correspondente a sua autorização]

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é de Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana e Maria da Conceição da Silva Freitas.

1ª edição

Elaboração e informações

Universidade de Brasília

Centro de Estudo Avançados Multidisciplinares

Núcleo de Estudos Estratégicos

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, CEP 70910-900, Brasília-DF, Brasil

Contato: (61)3107-5802

Site: www.ceam.unb.br

E-mail: nestra@unb.br

Equipe técnica

Autores: GOMES [et. al.]

Organização: SILVA, C. J. R.; MARIANA, F.B.; FREITAS, M. C. S.

Revisão: Caetana Juracy Rezende Silva e Fernando Bomfim Mariana

Diagramação: Caetana Juracy Rezende Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

O69

A orientação educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal : coletânea de depoimentos e outros escritos / Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana, Maria da Conceição da Silva Freitas (orgs.). – Brasília : Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, 2023.
189 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-997169-4-2 (impresso).

ISBN 978-65-997169-5-9 (e-book).

1. Orientação educacional. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I. Silva, Caetana Juracy Rezende (org.). II. Mariana, Fernando Bomfim (org.). III. Freitas, Maria da Conceição da Silva(org.).

CDU 37.048

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19
NO DISTRITO FEDERAL
coletânea de depoimentos e outros escritos

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

A questão central desta obra é dar visibilidade ao trabalho da Orientação Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal. Os desafios do ensino remoto e das ressignificações do trabalho docente exigiram inúmeros contornos para o exercício da profissão do Orientador Educacional. Nesse sentido, esta publicação não é uma obra estritamente acadêmica. Reúne depoimentos e escritos diversos, nos quais as autoras e os autores estiveram livres para apresentarem suas contribuições profissionais a partir de olhares próprios dos sujeitos diante das inúmeras questões enfrentadas.

A importância desta coletânea de textos se firma nos pressupostos de aproximação das realidades dos Orientadores no âmbito da troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade, bem como pela possibilidade de complexificar as reflexões dentro das Ciências Humanas na intencionalidade de transformação da sociedade.



À memória de Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – 4

PREFÁCIO – A CAIXA DO DESCONHECIDO – 7

Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes

CAPÍTULO 1: Comentários sobre publicações acerca do trabalho do Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 – 9

Aldeane de Souza; Jane Rose Ferreira dos Santos e André Ribeiro da Silva

CAPÍTULO 2: O Orientador Educacional e a mediação de conflitos no contexto do ensino remoto: a experiência da Escola Classe 22 do Gama – 20

Ana Cláudia Costa Medeiros

CAPÍTULO 3: Trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal: Orientar desenvolvendo autonomia de estudos em tempos de distanciamento social – 33

Anita de Oliveira Ventura

CAPÍTULO 4: O Orientador Educacional como elo entre família e escola: ampliando possibilidades e caminhos para a construção de aprendizagens em tempos de pandemia de Covid-19 no ensino público do Distrito Federal – 39

Carla Micheline Campos da Silva

CAPÍTULO 5: Orientação Educacional em tempo de pandemia: desafio aceito – 47

Débora A. Felipe

CAPÍTULO 6: Sob a ótica do lado avesso na educação, no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 56

Edvaldo Medeiros de Souza

CAPÍTULO 7: Orientação Educacional no contexto de pandemia: mais que empatia, compaixão! – 68

Fernanda Cavalcante e Keila Andrich

CAPÍTULO 8: O trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 76

Hellen Andrade Lima

CAPÍTULO 9: Coordenação Intermediária da Orientação Educacional: os desafios e as aprendizagens no desenvolvimento das atribuições no trabalho mediado pelas tecnologias – 78

Ivanilde Silva

CAPÍTULO 10: A práxis pedagógica no trabalho da Pedagoga-Orientadora Educacional de escola pública do Distrito Federal no contexto de ensino remoto emergencial – 92

Jesica Barbosa Dantas

CAPÍTULO 11: Orientação Educacional em tempos de pandemia: a invisibilidade e o acolhimento ao Orientador Educacional – 102

Jéssica Morrone de Oliveira Paes

CAPÍTULO 12: A ressignificação da práxis da Orientação Educacional da Escola Classe do Setor P Norte no contexto da pandemia – 108

Lucélia de Lima Soares e Maria da Graça Gomes da Silva

CAPÍTULO 13: Orientação Educacional: diálogos e troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade de Brasília – 116

Maria Delmair Lacerda Queiroz e Fernando Bomfim Mariana

CAPÍTULO 14: Estudantes com indicativo de altas habilidades/superdotação e a relevância do trabalho pedagógico do Orientador Educacional – 123

Maria Eugênia Monteiro e Francisnilde Miranda da Silva

CAPÍTULO 15: Encontros e descobertas na Orientação Educacional pelo Brasil – 140

Marina Cantanhêde Rampazzo

CAPÍTULO 16: O Desafio interpessoal do trabalho remoto no contexto da pandemia – 143

Maristela Pereira de Sousa Severo

CAPÍTULO 17: Princípios teóricos no trabalho da Orientação Educacional – 150

Michele Miranda

CAPÍTULO 18: Encontro Articulado Pedagógico: momento estratégico de construção coletiva da práxis da Orientação Educacional durante o ensino remoto – 160

Nádia Lopes dos Santos

CAPÍTULO 19: Orientação Educacional: tecendo novas estratégias de escuta pedagógica diante dos novos contextos socioemocionais – 164

Patrícia Miranda Chaves dos Santos

CAPÍTULO 20: Busca e escuta no ensino remoto: um olhar sobre os desafios na Educação Infantil – 174

Vera Lúcia Bezerra Cândido

CAPÍTULO 21: A prática da Orientação Educacional no ensino remoto: a experiência do CEF 101 do Recanto das Emas – 181

Zenilda Martins

CAPÍTULO 21

A PRÁTICA DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO ENSINO REMOTO: A EXPERIÊNCIA DO CEF 101 DO RECANTO DAS EMAS

Zenilda Martin

Diante de tantas controvérsias sobre a atuação do(a) Orientador(a) Educacional, apresentaremos, neste texto, a experiência de orientadoras educacionais de uma escola localizada na região periférica do Distrito Federal – o Centro de Ensino Fundamental 101, do Recanto das Emas –, realizada com o objetivo de suscitar nos trabalhadores da instituição novos pontos de vista acerca do trabalho desenvolvido pela Orientação Educacional.

Primeiramente, iremos abordar o histórico da profissão de Orientador Educacional, os diferentes campos a que ele já foi direcionado, e, em seguida, daremos um enfoque no modo de atuação desse profissional no Distrito Federal, segundo o documento que orienta esse trabalho na capital do Brasil. Depois, apresentaremos a concepção que embasa o nosso trabalho, fundamentada em autores de teorias marxistas.

A atuação do(a) Orientador(a) Educacional em uma escola é uma prática bastante questionada, e o enfoque do trabalho desenvolvido por esse profissional é alvo de grandes controvérsias e discussões. Isso talvez aconteça em razão do que vem sendo desenvolvido por esse segmento da educação, durante todo o percurso histórico da profissão. Segundo Pimenta (1988), a Orientação Educacional no Brasil surgiu em 1930, inspirada no que os Estados Unidos realizavam em termos de Orientação Profissional. Observamos que, na época, o(a) Orientador(a) Educacional atuava mais diretamente no campo vocacional dos estudantes.

Em 1942, a Orientação Educacional aparece pela primeira vez na legislação federal brasileira e restrita ao Ensino Médio, com caráter profissionalizante. Depois, apareceram novas funções, inclusive em documentos legais, como o Decreto 72.846, de setembro de 1973, que regulamenta a Lei 5.564, de 21 de dezembro de 1968, que trata do exercício da profissão de Orientador Educacional. Essa Lei estabelece, em seu artigo 5º:

A Profissão de Orientador Educacional, observadas as condições previstas neste regulamento, se exerce na órbita pública ou privada, por meio de planejamento, coordenação, supervisão, execução, aconselhamento e acompanhamento relativos às atividades de Orientação Educacional, bem como por meio de estudos, pesquisas, análises, pareceres compreendidos no seu campo profissional. (BRASIL, 1973)

Verificamos, neste artigo, que o trabalho do(a) Orientador(a) Educacional já inicia o seu processo de abrangência incluindo vários aspectos que podem ser trabalhados na escola também com o sentido de atuar de forma mais psicologizante individual e coletivamente, como mencionam Giacaglia e Penteado:

Com o crescimento do número de alunos e como começaram a surgir problemas de comportamentos inadequados semelhantes em vários deles, a Orientação Educacional passou de um tratamento individualizado, de um ou poucos alunos por vez, para outros tipos de estratégias mais adequadas a grupo de alunos, dentre outras, reuniões e palestras para alunos e para seus responsáveis, palestras essas tratando dos problemas mais recorrentes. (GIACAGLIA; PENTEADO, 2010, p. 11)

No Distrito Federal, em 2019, publicou-se o caderno de Orientação Pedagógica da Orientação Educacional, em que já se prevê uma atuação pedagógica e bem mais abrangente para o(a) Orientador(a), no sentido de atuar em consonância com a gestão pedagógica, a coordenação, os professores, as famílias, enfim, com toda a comunidade escolar, para promover as aprendizagens e para que o estudante seja visto em sua integralidade, ou seja, como um ser integral, e não fragmentado. Ele se compõe de um todo e deve se desenvolver em todos os aspectos: individual, social, emocional, intelectual, físico. Esses aspectos devem ser construídos com base na ética e no diálogo, respeitando-se a diversidade, o social e o cultural. O(A) Orientador(a) Educacional necessita estar empenhado em ações que surgem da realidade da comunidade em que atua. Baseado nisso, esse trabalhador da educação precisa dar voz ao estudante, fazer com que ele seja protagonista da sua própria ação pedagógica juntamente com professores e toda a comunidade escolar. Com base nisso, a Orientação Pedagógica da Orientação Educacional preconiza:

A Orientação Educacional atualmente contribui para o processo educativo a partir de uma prática articulada com toda a comunidade escolar, repensando coletivamente o fazer pedagógico, participando na análise da realidade, apoiando diálogos problematizadores, promovendo a tomada de decisão individual e coletiva e executando ações com foco em objetivos compartilhados no Projeto Pedagógico da instituição escolar, a fim de tecer uma rede social e interinstitucional que colabore com o desenvolvimento integral do estudante. (DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 15)

Considerando que o homem é um ser social, que as relações são estabelecidas a partir do contato com o outro e que, por meio disso, ele vai se constituindo, a educação, enquanto atividade humana geral, assume a função de mediar e de fazê-lo apropriar-se de elementos da cultura para que possa iniciar uma transformação individual e social.

Vigotski (2020) cita Marx ao dizer que é preciso chegar à tomada de consciência por meio da relação com os seres sociais, que é característica do ser humano:

Onde existe alguma relação, esta existe para mim; o animal não 'se relaciona'. Para o animal não há 'relação' com os outros, como tal. Por conseguinte, a consciência, já desde o princípio, é um produto social e segue sendo enquanto existirem os seres humanos. Claro está que a consciência, a princípio, é a tomada de consciência do meio mais próximo. (VIGOTSKI, 2020)

Nesse trecho, o autor quis enfatizar que a consciência se desenvolve na relação com os outros seres humanos, que a chamada para essa prática acontece na relação com o humano e que, no animal, esse desenvolvimento do conhecimento não ocorre, apenas no indivíduo.

Superação da fragmentação na prática da Orientação Educacional

Na perspectiva mencionada, a Orientação Educacional não pode ser vista de modo fragmentado no trabalho pedagógico das instituições; embora seu histórico seja bastante complexo, esse segmento da educação precisa estar articulado com toda a equipe pedagógica da escola. O trabalho pedagógico deve ser visto como um trabalho integrado. E, devido a todas as demandas que surgem para o professor, esse trabalho pode se tornar repetitivo e cansativo, não tendo o docente tempo para se apropriar de leituras, fazer reflexões sobre a sua prática e sobre todo o contexto em que o estudante está inserido.

Em face dessa alienação e repetição do trabalho pedagógico, o docente acaba sem tempo de se apropriar de novas leituras, participar de formações em que se aprofunde mais sobre como acontecem os espaços de ensino e aprendizagem, em que possa conhecer a realidade do estudante e a forma com que ele mais facilmente se apropria dessa realidade, imbricando-a com a sua própria realidade para desenvolver um trabalho para o qual se sinta mentalmente estimulado. A esse respeito, Freitas cita Marx:

A forma como os homens organizam suas relações sociais afeta poderosamente tal

dinâmica. Inserido em um processo de alienação, o homem vê o produto de seu trabalho ser dele separado, perde o controle sobre o próprio processo de trabalho e termina distanciado dos próprios homens (Marx, in Fromm, 1983.) A educação não está imune a estas relações. Veja-se por exemplo, o seguinte trecho de Marx, o qual refere-se à descrição do trabalhador alienado: “O que constitui a alienação do trabalho?” Primeiramente, ser o trabalho externo ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e, por conseguinte, ele não se realizar em seu trabalho, mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas, mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido [...]”. (FREITAS, 2005, p. 13-14)

Inserir-se aí, pensando no coletivo, o trabalho da Orientação Educacional para mostrar aos trabalhadores da escola a realidade do estudante. A partir disso, a escola precisa refletir e traçar estratégias para que esse estudante seja alcançado, de forma que ele se desenvolva em sua integralidade. Também se faz relevante que esses professores estejam dispostos a verem a concretude da realidade dos educandos e de suas famílias a partir de um novo ponto de vista, como explicita Kosik:

O mundo real, oculto pela pseudoconcreticidade, apesar de nela se manifestar, não é o mundo das condições reais em oposição às irreais, tampouco o mundo da transcendência em oposição à ilusão subjetiva, é o mundo da práxis humana. É a compreensão da realidade humano social como unidade de produção e produto, de sujeito e objeto, de gênese e estrutura. (KOSIK, 2002, p. 12)

Diante dessa observação, a escola precisa navegar profundamente sobre a realidade daquela comunidade em que está inserida, e estar aberta a novas possibilidades de mudança de modo a, cada vez mais, colocar sua ação em favor dos seus interesses e necessidades.

Uma experiência da prática da Orientação Educacional

Passamos, então, a descrever experiências vivenciadas no referido Cef em relação à superação das dificuldades dos estudantes e como experiência para a reflexão de todos da escola, principalmente a equipe pedagógica e a comunidade escolar.

Em março de 2020, repentinamente, com a chegada do vírus Sars-Cov-2, as escolas se viram obrigadas a fechar as suas portas para evitar maior contaminação entre aqueles que constituíam a comunidade escolar. Para seguir com o trabalho pedagógico, as instituições

precisaram se reinventar e inovar em relação às suas práticas. Deste modo, os trabalhadores da educação, inclusive a Orientação Educacional, viram-se obrigadas a repensar e desenvolver novas formas de diálogo com as famílias, utilizando outras ferramentas tecnológicas, como a chamadas de vídeo por WhatsApp e também o Google Meet.

Diante desse cenário, a Orientação Educacional do Centro de Ensino Fundamental – 101 – Recanto das Emas resolveu adotar como dispositivo para atender as famílias o grupo de WhatsApp da Orientação Educacional. Esse grupo é composto somente pelas duas orientadoras da escola. Ao ser encaminhado, o estudante é inserido nesse grupo, elas realizam a chamada de vídeo junto com ele e a família e, também, se possível, com o professor.

A escola defende, em sua proposta pedagógica, a ideia de escola inclusiva. Com foco nisso, surgiram indagações e questões a serem superadas, buscando-se mecanismos para descobrir como incluir todos e todas, uma vez que o professor, a gestão e a Orientação Educacional veem suas áreas de forma fragmentada. Em face dessa situação, a Orientação Educacional, com autorização da gestão escolar, e por meio de conversas durante as coletivas, propôs que o professor ou a professora, sempre que possível, passasse a participar dos atendimentos junto com as orientadoras educacionais.

Diante da decisão tomada, este serviço, ao apresentar o Serviço da Orientação Educacional aos professores da instituição na semana pedagógica, expôs um projeto de trabalho na perspectiva de que ele deveria estar articulado com toda a comunidade escolar.

Assim, o Serviço de Orientação Educacional propôs a realização de um evento de jogos eletrônicos e indagou se algum professor teria disponibilidade para desenvolver esse trabalho junto com as orientadoras educacionais e os estudantes. Logo um professor se manifestou. Solicitamos ao estudante que ficava conectado aos jogos por muito tempo – e cuja mãe se mostrou angustiada por isso – que convidasse outro colega para debater essa problemática e apresentá-la à comunidade escolar.

A partir dessa situação, planejamos de nos encontrarmos semanalmente, em determinado horário, para que fossem planejadas pesquisas e estratégias relacionadas às habilidades que os jogos eletrônicos têm potencial de desenvolver nas crianças e também aos malefícios que causariam, se elas ficassem grande quantidade de horas conectadas a eles.

Para isso, foi feita uma pesquisa junto aos estudantes por meio de um questionário com perguntas fechadas e o aplicamos na comunidade escolar para que obtivéssemos

informações sobre o tempo que os estudantes ficavam conectados aos seus jogos preferidos e sobre experiências positivas e negativas nesse aspecto. Obtivemos 218 participações.

A partir desses dados e de pesquisas relacionadas ao assunto, os estudantes elaboraram falas para seus pares no sentido de conscientizá-los sobre o tempo adequado para ficarem brincando com os jogos eletrônicos e quais jogos seriam apropriados para cada faixa etária. O professor apresentou o jogo preferido dos estudantes, revelado na pesquisa, por meio do qual foram trabalhados conteúdos relacionados a todas as disciplinas. Na reunião de pais do bimestre em que isso ocorreu, ouvimos elogios relativos ao projeto, pois, antes, esses pais haviam tentado conscientizar os filhos, no entanto, não tinham conseguido nenhum resultado.

A partir da experiência vivenciada nesse projeto, que teve a contribuição das famílias, do professor e dos estudantes, tomamos a iniciativa de trabalhar outro projeto, intitulado “Em trégua com a guerra”, que tratava da questão da igualdade de gênero.

Uma estudante havia postado uma foto de biquíni em seu perfil de WhatsApp, o que tinha causado uma certa polêmica no conselho de classe. Iniciamos por conscientizar a estudante do que poderia acontecer caso alguém do mundo virtual utilizasse a foto dela com a finalidade de constrangê-la. Assim, nós a convidamos para realizarmos, juntamente com a professora de Ciências e mais um colega que esta indicou, algumas pesquisas sobre a temática e, depois dessas pesquisas e alguns encontros via Google Meet, com a participação da gestão, decidimos tratar do assunto na coletiva e levantar questões como: tipos de xingamentos que são direcionados a homens e mulheres, atitudes que reforçam o machismo, consequências do machismo para a sociedade. Por meio de leitura de livros, documentários, pequenos vídeos, temos trabalhado com os professores e professoras para se apropriarem do assunto. Salientamos que a Regional de ensino também participou desse debate.

Durante a reunião na coletiva, ficou acordado que esse assunto seria tratado com muita delicadeza e cuidado para que não ganhasse uma conotação diferente do sentido almejado, pois, embora a SEEDF orientasse, por meio do currículo, que a escola devia trabalhar esse assunto, o contexto histórico que estávamos vivenciando exigia que cada ação, cada palavra fosse escolhida meticulosamente, com muita atenção.

A direção da escola, inicialmente, pediu cuidássemos para que o trabalho não fosse interpretado como incentivo à sexualidade. No entanto, depois disso, temos recebido, cada vez mais, colegas com disponibilidade para estudar e trabalhar o tema. Uma professora de

5º ano até preparou um material riquíssimo para atividades com as várias formas de preconceito existentes na sociedade capitalista, o que foi muito bem recebido por todos. Lembramos que a escola é um espaço de coletividade e diversidade que abrange inúmeras e diferentes culturas e saberes que também devem ser valorizados.

Por intermédio de nossa inserção no Grupo de Estudos Círculo Vigotskiano (UnB) – que estuda como as crianças se desenvolvem junto com a coletividade, principalmente as que têm algum tipo de necessidade especial –, temos nos apropriado da Teoria Histórico-Cultural (BARBOSA; MILLER; MELLO, 2016), que surgiu na Rússia Comunista e delinea o sujeito e sua constituição de forma colaborativa. Essa teoria se constitui no Brasil a partir de grupos específicos, como o nosso, por meio do qual decidimos desenvolver a prática da Orientação Educacional na coletividade por acreditarmos que, de acordo com Vigotski (2020) e seus contemporâneos, o ser humano se desenvolve em contato com os outros. Portanto, nossa proposta é olhar o estudante em sua complexidade, situado em seu contexto social, histórico e cultural.

Nessa perspectiva, procuramos promover, com o corpo docente, o desenvolvimento dos estudantes envolvidos e colaborar com aqueles que privilegiam o nosso trabalho, pois, dessa forma, estamos valorizando a aproximação de todo o processo por que passam os alunos, que nos apontam caminhos para melhor compreender seus comportamentos e seus anseios. Podemos afirmar que essas experiências têm sido bastante significativas, pois percebemos que os estudantes e nós, trabalhadores da educação, saímos com uma visão mais ampliada a respeito dos jogos eletrônicos, o que também vem ocorrendo com relação à identidade de gênero.

Aprendemos, ainda, que para que os estudantes sejam conscientizados, é mais proveitoso que alguém da faixa etária e do grupo ao qual eles pertencem também se aproprie do assunto e fale, então, para os seus pares. Com isso, houve mudança nas formas de abordagem dos projetos, que serão realizados com a participação dos estudantes, dos professores e também da gestão pedagógica.

Considerações finais

Diante das experiências relatadas, constatamos que a Orientação Educacional não deve ser vista como uma atividade fragmentada em relação ao trabalho pedagógico. Nossa prática deve ser repensada e desenvolvida por meio de projetos que suscitem no estudante a

vontade de aprender, que lhe proporcionem condições físicas, psicológicas e sociais para se dedicar plenamente à aprendizagem.

As experiências descritas, como o tema dos jogos eletrônicos e a questão de gênero, estão relacionadas ao histórico da carreira de Orientador Educacional, do trabalho docente e também das realidades dos estudantes e desta comunidade.

Temas como esses merecem ser abordados com mais profundidade para que possamos refletir melhor sobre eles e aperfeiçoar a aprendizagem conjunta. A discussão sobre Igualdade de Gênero, por exemplo, cujo projeto foi nomeado de “Uma trégua para a guerra”, está em fase de construção, e gostaríamos de ter a oportunidade de relatar, em outra ocasião, como se desenvolveu todo o processo, além dos resultados obtidos.

Por ora, concluímos que o trabalho do(a) Orientador(a) Educacional deve ser articulado com toda a comunidade escolar no intuito de promover transformações na sociedade à qual ele pertence.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Maria Valéria; MILLER, Stela; MELLO, Suely Amaral (ed.). **Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar**. São Paulo, Unesp, Campus de Marília: FFC, Oficina Universitária, 2016. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/book/88. Acesso em: jun. 2021.

BRASIL. **Decreto 72.846**, de 26 de setembro de 1973. Regulamenta a Lei n. 5.564, de 21 de dezembro de 1968, que provê sobre o exercício da profissão de orientador educacional. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto/1970-1979/d72846.htm. Acesso em: 24 jun. 2021.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Orientação Pedagógica da Orientação Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. Brasília: SEEDF, 2019. Disponível em: <http://www.educacao.df.gov.br/wp->. Acesso em: 10 jun. 2021.

FORTUNA, Maria Lúcia de Abrantes. O Psicólogo Escolar e o Orientador Educacional no cotidiano escolar. **Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 27-32, ago./dez. 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/interagir/article/download/21406/15522>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

GIACAGLIA, Lia Renata Angelini; PENTEADO, Wilma Millan Alves. **Orientação Educacional na prática: princípios, histórico, legislação, técnicas e instrumento**. 6. ed.

São Paulo: Cengage Learning, 2010.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB). Grupo de Estudos Círculo Vigotskiano. Anotações e debates online sobre artigos de Vigotski e Teoria Histórico-Cultural, jun. 2020.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. Instrução e desenvolvimento na idade pré-escolar. In: **Cadernos RCC#21**, v. 7, n. 2, p. 144-160, maio 2020.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. De apontamentos para conferências em psicologia de crianças em idade pré-escolar. In: **Estação MIR**, arquivos digitais. [trad. do espanhol, sem data, em confronto com a fonte russa, por Achilles Delari Junior] nov. 2020. 21 p. Disponível em: http://estmir.net/lsv_s.data_not-psi-pre.pdf.